



Élder Claudio D. Zivic
Dos Setenta

Não Tomemos o Caminho Errado

Oro para que jamais percamos de vista o caminho, de modo que sempre estejamos conectados aos céus.

Um menino estava praticando piano, e um vendedor, ao vê-lo pela janela, perguntou: “Sua mãe está em casa?”

Ao que a criança respondeu: “O que você acha?”

Nossos cinco queridos filhos tocam piano, graças à motivação de minha mulher! Quando o professor chegava a nossa casa, nosso filho Adrián corria e se escondia, para não ter aula. Mas um dia, uma coisa maravilhosa aconteceu! Ele começou a gostar muito de música, de modo que continuou a praticar por conta própria.

Se pudermos chegar a esse ponto em nosso processo de conversão, seria maravilhoso. Seria ótimo termos no coração o profundo desejo de guardar os mandamentos, sem que ninguém nos lembrasse constantemente, e termos a firme convicção de que se seguirmos o caminho certo teremos as bênçãos prometidas nas escrituras.

Há vários anos, visitei o Parque Nacional dos Arcos com minha mulher, nossa filha Evelin e uma amiga da família. Um dos arcos mais famosos daquele parque se chama Arco Delicado. Decidimos caminhar

uns dois quilômetros, montanha acima, para chegar ao arco.

Começamos a trilha com grande entusiasmo, mas, depois de caminhar um pouco, elas precisaram descansar. Como eu estava com muita vontade de chegar, decidi prosseguir sozinho. Sem prestar muita atenção à trilha a percorrer, segui um homem que ia a minha frente e que parecia mover-se com muita certeza. O caminho foi

ficando cada vez mais difícil, e tive que pular de pedra em pedra. Devido à dificuldade, tive certeza de que as mulheres do meu grupo jamais conseguiriam. De repente, vi o Arco Delicado, mas, para minha grande surpresa, percebi que estava numa área inacessível para mim.

Com grande frustração, decidi voltar. Esperei impacientemente até nos reunirmos novamente. A primeira pergunta que fiz foi: “Vocês chegaram ao Arco Delicado?” Elas me disseram alegremente que sim. Explicaram que seguiram os sinais que indicavam o caminho e, com muito cuidado e esforço, chegaram ao destino.

Infelizmente, eu havia tomado o caminho errado. Que grande lição aprendi naquele dia!

Com que frequência erramos o caminho e nos deixamos ser conduzidos pelas tendências do mundo? Precisamos continuamente nos perguntar se estamos sendo praticantes das palavras de Jesus Cristo.

Um ensinamento maravilhoso se encontra no livro de João:





“Estai em mim, e eu em vós; como a vara de si mesma não pode dar fruto, se não estiver na videira, assim também vós, se não estiverdes em mim.

Eu sou a videira, vós as varas; quem está em mim, e eu nele, esse dá muito fruto; porque sem mim nada podeis fazer” (João 15:4–5).

Usando essa analogia, vemos a relação transcendente e direta que temos com Jesus Cristo e a importância que Ele dá a cada um de nós. Ele é a raiz e o tronco que conduz a água viva até nós, a fonte que permite que sejamos nutridos para produzir muitos frutos. Jesus Cristo nos ensinou de modo que nós, os ramos — ou seja, seres dependentes Dele — jamais subestimemos o valor de Seus ensinamentos.

Há alguns erros que podem ser graves e, se não os corrigirmos a tempo, eles podem nos conduzir permanentemente para fora do caminho. Se nos arrependermos e aceitarmos a correção, essas experiências permitem que

nos tornemos humildes, que mudemos nossas ações e que novamente nos achemos ao Pai Celestial.

Quero dar um exemplo desse conceito citando um dos mais dramáticos momentos da vida do Profeta Joseph Smith. Por essa experiência, o Salvador nos deu ensinamentos inestimáveis sobre alguns princípios que devemos ter em mente por toda a vida. Trata-se da ocasião em que Martin Harris perdeu as 116 páginas traduzidas da primeira parte do Livro de Mórmon.

Depois de se arrepender por não ter seguido o conselho de Deus, o Profeta recebeu a revelação que se encontra na seção 3 de Doutrina e Convênios (ver *Ensinamentos dos Presidentes da Igreja: Joseph Smith*, 2007, pp. 75–76). Com base no que está escrito nos versículos 1 a 10, quero salientar três princípios que sempre devemos lembrar:

1. As obras e os propósitos de Deus não podem ser frustrados.

2. Não devemos temer ao homem mais do que a Deus.
3. Há uma necessidade constante de arrependimento.

No versículo 13, o Senhor nos ensina quatro coisas que jamais devemos fazer:

1. Desprezar os conselhos de Deus.
2. Quebrar as mais sagradas promessas feitas a Deus.
3. Confiar em nosso próprio julgamento.
4. Vangloriar-nos de nossa própria sabedoria.

Oro para que jamais percamos de vista o caminho, de modo que sempre estejamos conectados aos céus, para que as correntezas do mundo não nos arrastem para longe.

Se alguns de vocês chegarem ao ponto de abandonar o caminho do Senhor — em qualquer ponto do percurso —, com grande remorso sentirão a amargura de ter desprezado os

conselhos de Deus, de ter quebrado as mais sagradas promessas feitas perante Deus, de ter confiado em seu próprio julgamento ou de ter-se vangloriado de sua própria sabedoria.

Se esse for o caso, exorto que se arrependam e voltem ao caminho certo.

Certa vez, um neto ligou para o avô para lhe desejar feliz aniversário. Perguntou quantos anos ele tinha. O avô disse que tinha chegado aos 70 anos. O neto pensou por um instante e depois perguntou: “Vovô, você começou desde um ano de idade?”

Na infância e na juventude, as pessoas acham que jamais ficarão velhas. A ideia de morte jamais cria raiz — isso é para pessoas muito, muito velhas — e ainda falta uma eternidade para chegarem a esse ponto. À medida que o tempo passa, os meses e as estações, as rugas começam a aparecer, a energia diminui, a necessidade de uma consulta médica se torna mais frequente, e assim por diante.

Dia virá em que nos encontraremos novamente com nosso Redentor e Salvador Jesus Cristo. Rogo para que nesse sagrado e sublime momento possamos reconhecê-Lo graças ao conhecimento que temos Dele e por termos seguido Seus ensinamentos. Ele nos mostrará as marcas em Suas mãos e em Seus pés, e finalmente nos abraçaremos, chorando de alegria por termos seguido Seu caminho.

Testifico aos quatro cantos da Terra que Jesus Cristo vive. Ele nos exortou: “Escutai, ó nações da Terra, e ouvi as palavras do Deus que vos criou” (D&C 43:23). Que tenhamos a capacidade de compreender, escutar, entender e interpretar corretamente a mensagem desse “Deus que [nos] criou” para que não nos afastemos de Seu caminho, é minha oração em nome de Jesus Cristo. Amém. ■



Élder W. Craig Zwick
Dos Setenta

O Que Você Acha?

Peço-lhes que pratiquem esta pergunta, com terna consideração pela experiência de vida da outra pessoa: “O que você acha?”

Há 41 anos subi na boleia de um caminhão de 18 eixos com minha linda esposa, Jan, e nosso filhinho bebê, Scotty. Iríamos transportar uma pesada carga de material de construção, cruzando vários Estados.

Naqueles dias, não havia restrições de cintos de segurança ou cadeirinhas de bebê nos veículos. Minha mulher levava nosso precioso filho no colo. O comentário dela: “Estamos realmente bem acima do chão” devia ter-me dado uma dica do receio que ela estava sentindo.

Ao descermos pelo histórico desfiladeiro de Donner Pass — um trecho bem íngreme da rodovia —, a cabine do caminhão súbita e inesperadamente se encheu de espessa fumaça. Era difícil ver e mal conseguíamos respirar.

Com uma carga pesada, os freios sozinhos não são suficientes para diminuir rapidamente a velocidade. Usando o freio motor e reduzindo a marcha, fiz uma tentativa frenética de parar o caminhão.

Quando eu estava desviando para o acostamento, mas antes de parar completamente, minha mulher abriu a porta da cabine e pulou para fora com o bebê nos braços. Fiquei olhando os dois rolarem pelo chão sem nada poder fazer.

Assim que pude frear o caminhão, pulei para fora da cabine enfumaçada. Com a adrenalina a mil, corri pelo meio das rochas e do mato e os envolvi nos braços. Os antebraços e os cotovelos de Jan estavam machucados e sangrando, mas felizmente tanto ela quanto nosso filho estavam respirando. Apertei-os num forte abraço enquanto a poeira baixava, ali à beira da rodovia.

Quando meu batimento cardíaco normalizou e recuperei o fôlego, gritei: “O que você acha que estava fazendo? Não sabe como isso é perigoso? Vocês poderiam ter morrido!”

Ela olhou para mim, com lágrimas escorrendo pelo rosto sujo de fuligem, e disse algo que me varou o coração e ainda soa em meus ouvidos: “Eu estava apenas tentando salvar o nosso filho”.

Naquele momento, dei-me conta de que ela achou que o motor tinha pegado fogo e ficou com medo de que o caminhão explodisse e que fôssemos morrer. Eu, porém, sabia que era uma falha elétrica — perigosa, mas não fatal. Olhei para a minha preciosa esposa, acariciando delicadamente a cabeça de nosso filhinho, e me perguntei que tipo de mulher faria algo tão corajoso.